

VIEIRA SEGUNDO FERNANDO PESSOA

Antonio Alcir Bernárdez Pécora (Unicamp)  
Haqira Osakabe (Unicamp)

"Vejo, mas não sei se vejo:  
O certo é, que me cheira  
Que me ven honrar à beira  
Um Grande do pé do Tejo"  
(Bandarra)

"Mas não, não é luar: é luz do ethéreo.  
É um dia; e, no céu amplo de desejo,  
A madrugada irreal do Quinto Império  
Doira as margens do Tejo."  
(Fernando Pessoa)

Vieira é uma referência explícita e insistente na obra de Fernando Pessoa, especialmente na parte de sua obra devida a ele-mesmo e ao semi-heterônimo Bernardo Soares. Para além dessa referência constante, chega mesmo a surpreender a enorme carga de admiração e mesmo o deslumbramento com que Pessoa se dirige a Vieira, a cada passo parecendo descobrir no terrível jesuíta o que em nenhum outro artista português. Na verdade, dificilmente será possível ultrapassar Pessoa no elogio a Vieira, mesmo que o termo "elogio" não seja o mais adequado. Apenas para exemplificar, e sem nenhum esforço para buscar um lugar excessivo, pode-se lembrar aquela passagem em que Pessoa, ao comentar alguns autores portugueses (Obra em Prosa, p. 343), com a costureira severidade, quando se trata de Vieira, ele diz: "António Vieira é de fato o maior prosador - direi mais, é o maior artista - da língua portuguesa." Em Mensagem, é dedicado a Vieira um poema inteiro (Obra Poética, p. 86), onde este é reconhecido como "imperador da língua portuguesa", como "céu" em que surge "El Rey Don Sebastião". Uma das mais conhecidas e citadas frases lapidárias de Bernardo Soares, "minha pátria é a língua portuguesa", aparece no Livro do Desassossego (p. 16 e 17) justamente como conclusão de uma tentativa de entendimento da emoção sentida pelo autor diante de um texto de Vieira. Em outra passagem do mesmo livro, Bernardo Soares afir-

ra que a leitura de Vieira o "faz tremer como um ramo ao vento, num delírio passivo de coisa movida" (p. 16).

Isto posto, parece importante para a compreensão restrita de alguns aspectos da obra de Pessoa, perguntar pelo fundamento dessa admiração única e incontestada. É justamente nessa direção que este breve estudo pretende avançar algumas hipóteses.

De início, pode-se aventar que o valor concedido a Vieira por Pessoa baseia-se sobretudo no fato de ambos perfilharem a mítica sebastianista. Quer dizer, nessa colocação, Pessoa identificaria em Vieira uma espécie de aliado de crença ou de ideal ou, ainda, um precursor ilustre na formação de um pensamento visceralmente mítico e profético, orientado para esse universo de desejo a que se deu o nome de Quinto Império. Ocorre que algumas dificuldades se apresentam aí. Para começar, é preciso ter em mente que autores, e autores de mérito indiscutível, cujo ideário incorpora elementos sebastianistas não são propriamente uma exceção em Portugal. Por que, então, a escolha tão especial de Vieira e ninguém mais ao nível dele? Por que ele "o maior"? Por que ele "o imperador"? Claro que essa não é uma objeção definitiva. Pode-se argumentar com razoável objetividade que, nesses termos, embora bem acompanhado, ninguém foi mais longe do que Vieira. Mas há outros aspectos que vão contra essa hipótese inicial mais óbvia. Basta avançar um pouco no sebastianismo de um autor e outro para constatar diferenças importantes entre eles, diferenças verdadeiramente irreconciliáveis, sobre as quais, aliás, Pessoa tinha perfeita consciência. (cf. F.P. Sobre Portugal). Para não alongar demasiado e sem preocupação de exaustividade, atente-se em particular para dois aspectos radicais dessas diferenças. Em primeiro lugar, para Vieira, qualquer que seja a natureza espiritual necessária do Quinto Império, ela tem como condição de efetivação a conquista e a posse (pela força das armas, das palavras ou de ambas) dos territórios do mundo. Ou seja, para formular a questão de forma adequada ao código pessoano, no Quinto Império de Vieira não há maneira de sublimar a exigência imprescindível de um Império que, para ser do espírito, tem que ser, também, de domínio e expansão. Ora, para Pessoa, como ele declara insistentemente, em franca oposição a esse tipo de exegese sebastianista, o Império possível a partir de Portugal é exclusivamente o de cultura: qualquer ilusão de domínio territorial terá por efeito o desvio do verdadeiro destino da ação portuguesa no mundo. O império territorial para Pessoa não passa de desfocamento. É nesse sentido que ele já não reclama a posse das colônias e chega mesmo a interpretar positivamente sua perda como quem vê afastar-se um incômodo ruído ou uma desastrosa miragem (cf. Sobre Portugal, p. 249-255).

Um segundo aspecto que traduz uma diferença irreduzível entre o projeto de Vieira e o de Pessoa diz respeito à dimensão histórica do mito. Em Vieira, o Quinto Império significa não apenas uma interpretação da história como um desdobramento iminente dela: é o resultado da ação de um conjunto de forças que, embora nem sempre históricas, tendem a equilibrar e a harmonizar a história, mas não a superá-la. Dom Sebastião é o que fará vingar uma política divina, não o que livrará a divindade da política. Quanto a Pessoa, embora não faltem as relações históricas e ele chame mesmo

a atenção para uma política cultural adequada ao mito, não há dúvidas de que, em última instância, a dimensão em que ele se efetiva não pode ser já senão de natureza esotérica, iniciática, resvalando a a-historicidade portanto.

Na verdade, o ponto nevrálgico da admiração de Pessoa por Vieira reside numa região que, não sendo propriamente a da crença messiânica, ocupa nessa mesma crença (tal como Pessoa a supõe), um lugar privilegiado. Essa região é a da língua, mais precisamente, a língua portuguesa. Por essa constatação inicial, pode-se explicar por que dentre tantos atributos de que Vieira pode ser investido, Fernando Pessoa tenha destacado no poema citado o de "imperador da língua portuguesa". Cabe, no sentido de se localizar um significado mais profundo do que o mero comentário encomiástico, discutir duas questões que estão envolvidas nessa maneira pela qual o autor de Mensagem compreendeu o célebre jesuíta: em primeiro lugar, qual a importância da língua para F. Pessoa; e em segundo lugar, qual a relevância de Vieira dentro dessa língua e dentro dos projetos de Pessoa?

Pode-se retomar aqui a afirmação feita anteriormente segundo a qual a relação entre o Quinto Império e a história resvala por uma certa a-historicidade. "Resvalar" parece ser o verdadeiro termo, na medida em que o sonho pessoano, e por isso mesmo é sonho, vai no sentido da configuração não tanto de uma recomposição da atual geografia política, mas no de um emergir de uma nova mentalidade que se fará apesar dessa mesma geografia. Uma nova Era, ou nos próprios termos pessoanos, uma "Eucharistia Nova" cuja instituição, a crer-se nas profecias, far-se-á como um destino inelutavelmente português. Fernando Pessoa num dos seus fragmentos políticos afirmou que "nas horas de intermédio e de dissolução, quando o que é velho falece e o que é novo sofre ainda da inarticulação da infância, compete à inteligência a iniciativa da organização, que o instinto, deposto, já não tem, e o facto futuro, infante, não logrou formular ainda" (Sobre Portugal, p. 133). Parece não restar dúvidas de que o Poeta empenhou boa parte de seus esforços em ensaiar sua inteligência nesse projeto específico de organização do facto futuro e, no que interessa mais de perto, na tarefa de pensar nas condições em que esse futuro poderia ser deslocado do âmbito do desejável para o âmbito do possível. Trata-se da viabilidade de um império cultural-espiritual com sede portuguesa cuja instauração dependeria, dentre outras coisas, em primeiro lugar da existência de uma "língua apta para isso, isto é: (a) rica; (b) gramaticalmente completa; (c) fortemente nacional" (Sobre Portugal, p.229). Embora não se tenha acesso a nenhuma anotação em que Pessoa tenha feito considerações mais especificadas a respeito da língua portuguesa, não se pode ficar indiferente a alguns outros fragmentos em que o autor acaba por destacar o idioma português como a mais rica e complexa dentre as línguas latinas, comparando-se nisso à língua inglesa (a mais rica entre as germânicas); esta, apesar de tudo, "enferra na estrutura do verbo relativamente acanhada..." (Sobre Portugal, p. 228-229). É óbvio que o que está em questão aí não vem a ser uma discussão propriamente linguística. O que Pessoa tenta nesses fragmentos é certificar-se de que a língua portuguesa preencheria os requisitos de uma língua imperial. Pelo visto, sim, mesmo que tenha ela de enfrentar, no âmbito

puramente linguístico, a concorrência da língua inglesa. Reportando à primeira das questões apontadas acima, pode-se admitir que, para Pessoa, a língua portuguesa lhe importa como o produto cultural privilegiado que sustentará o domínio espiritual cuja natureza será paradoxalmente universal e portuguesa. Essa é a razão pela qual ele afirmaria que a vitória cultural caberia à língua "mais capaz de exprimir", na qual "poder-se-á dizer o que não pode dizer-se nas outras..." (*Sobre Portugal*, p. 228). Além da complexidade e da riqueza linguística, Pessoa fala de uma língua fortemente nacional; a esse ponto convém retornar, após a discussão do segundo requisito proposto por Pessoa: "o aparecimento de homens de gênio literário, escrevendo nessa língua, e ilustrando-a: (a) de gênio universal...; (b) de gênio de perfeição linguística..." A figura de Vieira, tal como é disposta não apenas por Pessoa, mas por quase toda a tradição crítica luso-brasileira, coincide basicamente com o que o Poeta denomina "gênio de perfeição linguística". Por que gênio? É aparentemente um lugar comum que o continuaria sendo, não fossem as anotações do Poeta sobre o gênio as quais nos permitem de uma só vez detectar a particular relação entre Vieira e a língua portuguesa, como o próprio lugar do fenômeno da linguagem no destino humano. Vieira seria o iniciado Divino, tal como Shakespeare o foi, situado no intervalo entre o humano e o cósmico, para retomar aqui as distinções básicas da iniciação. Trata-se de um destino ou de uma união, mais do que produto da vontade meramente humana. E é por ele que fala toda uma coletividade, nacional ou universal. Nesse sentido tanto seria gênio Bandarra, cujo coração foi "não apenas português, mas Portugal", quanto Vieira, que não apenas permitiu que nele se manifestasse aquele mesmo coração, mas que, sobretudo permitiu que por ele se externasse a língua de Portugal em toda a sua perfeição. Eis aqui o ponto crucial da segunda questão: a admiração de Pessoa por Vieira não vem apenas do fato de ser ele um homem mais, de gênio literário, a ilustrar a língua, mas aquele que a dispôs definitivamente em sua perfeição, isto é, em toda a sua plenitude. Isto, em outros termos, significa dizer que Vieira, do ponto de vista linguístico, tem com o idioma uma relação de máxima objetividade, justamente por conseguir deixar que por ele a língua se manifestasse em toda a sua riqueza. E isto é coerentíssimo em relação ao pensamento pessoano: como gênio, Vieira é um iniciado divino, e como iniciado divino, ele não fala por si, mas pela iluminação cósmica que o faz portador dos sinais de uma história oculta aos olhos humanos e realizador potencial (mesmo que parcial) dessa mesma história. Assim, se a existência de uma língua potencialmente imperial, vem a ser uma das condições do novo Império, Vieira participa decisivamente dessas condições na medida em que dá corpo àquela potencialidade, inscrevendo na história humana a união divina não apenas de seu próprio gênio, mas da língua pela qual a coletividade lusitana ganha existência enquanto coletividade.

É neste ponto que se pode retornar a última qualidade linguisticamente necessária para os intuitos pessoais: o de uma língua fortemente nacional. Pelo que se pode deduzir de um outro fragmento político do autor, a língua portuguesa acaba por ser um dos elos fundantes da unidade de Portugal que, ao contrário da Espanha (o exemplo é do autor), não tem de enfrentar do ponto de vista puramente linguístico,

uma tarefa unificadora. Desse modo, pelo menos em relação à linguagem, as condições do Império estão realizadas: tem-se a língua, privilegiada, tem-se o gênio que fez dessa mesma língua uma realidade totalizante. É por essa razão que a leitura dos "Avisos" em Mensagem (na ordem, Bandarra, Vieira, Pessoa) não pode ser vista apenas numa sucessão temporal, mas numa espécie de andamento em que essa sucessão temporal suscita uma concretização das condições do Império: Vieira acrescenta ao Desejo português encarnado em Bandarra os requisitos linguísticos, e Pessoa será aquele que, em princípio, realizará a condição até aqui não discutida do gênio literário que, escrevendo na língua portuguesa, irá ilustrá-la de "gênio universal". O que em outra parte de sua obra (V. "A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada" - Obra em Prosa) será interpretado como um supra-Carões. As anotações em que o autor tenta prever datas decisivas de um retorno sebástico e que apontam, dentre outros, para seu próprio ano de nascimento, são apenas uma explicitação do fato de Pessoa ter-se colocado em Mensagem, mesmo que não nomeadamente, na linha dos Avisos, significativamente como o terceiro deles. As condições do Império estão preenchidas, cumpridos os destinos de seus três gênios maiores. Resta saber de sua consistência na história humana. Sobre isso vale a pena citar o poeta quando diz: "É um imperialismo de gramáticas? O imperialismo dos gramáticos dura mais e vai mais fundo que o dos generais. É um imperialismo de poetas? Seja... O imperialismo de poetas dura e dorina; o dos políticos passa e esquece. Se o não lembrar o poeta que os cante" (Sobre Portugal, p. 240). Ou ainda quando ironicamente ele afirma: "Que mal haverá em nos prepararmos para este domínio cultural, ainda que não venhamos a tê-lo?... Se falharmos, sempre conseguimos alguma coisa - aperfeiçoar a língua. Na pior hipótese, sempre ficamos escrevendo melhor..." (Sobre Portugal, p. 239).

#### REFERÊNCIAS

PESSOA, F., Obra em Prosa, Rio, Aguilar, 1974.

\_\_\_\_\_, Obra Poética, Rio, Aguilar, 1965.

\_\_\_\_\_, Sobre Portugal, Lisboa, Ática, 1979.

\_\_\_\_\_, Livro do Desassossego, Lisboa, Ática, 1982.